

## O PAPEL DA LINGUAGEM NA REPRESENTAÇÃO DO “EU” NAS REDES SOCIAIS

**Michele Cristina Ramos GOMES**

**Ana Claudia Peters SALGADO**

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o papel da linguagem na representação do “eu” no mundo moderno com o advento das redes sociais. Para isso, usaremos alguns conceitos tais como identidade (BAUMAN, 2001); (HALL, 2006); (SILVA, 2009), cultura (CUCHE, 1999), língua e poder (BOURDIEU, 1974). Esperamos, assim, analisar de que forma as relações sociais são significadas pela linguagem nas redes e, desse modo, elaborar conclusões acerca de questões identitárias e sociais.

**Palavras-chave:** Identidade; Linguagem; Redes sociais.

## THE ROLE OF LANGUAGE “PRESENTATION OF SELF” IN SOCIAL NETWORKS

**Abstract:** This work aims at discussing the role of language “presentation of self” in present world of social networks on the Internet. In order do so, the concept of identity is revisited (BAUMAN, 2001); (HALL, 2006); (SILVA, 2009, also the perspectives of culture (CUCHE, 1999) and of language and power (BOURDIEU, 1974) are taken into account here. We hope we can contribute for the understanding language as an important instrument to study the presentations of selves towards identity and social questions.

**Keywords:** Identity; Language; Social relationships.

## EL PAPEL DE LA LENGUAJE EN LA REPRESENTACIÓN DEL “YO” EN LAS REDES SOCIALES

**Resumen:** El objetivo de esto trabajo es reflejar sobre el papel de la lenguaje en la representación del “yo” en el mundo moderno con el surgimiento de las redes sociales. Para eso, usaremos algunos conceptos como la identidad (BAUMAN, 2001); (HALL, 2006); (SILVA, 2009), la cultura (CUCHE, 1999), la lengua y el poder (BOURDIEU, 1974). Esperamos, de este modo, analizar de qué forma las relaciones sociales son significadas por el lenguaje en las redes y, de esta manera, elaborar conclusiones sobre cuestiones sociales y de la identidad.

**Palabras-clave:** Identidad; Lengua; Redes sociales.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é refletir de que forma as relações sociais são significadas e atualizadas na internet, em especial no *facebook*, e qual o papel da linguagem na representação do “eu” nesse contexto.

Temos conhecimento de que o advento da internet gerou mudanças no modo como as pessoas relacionam-se e na maneira com que definem a si mesmas enquanto “ser social”. A representação do “eu” perpassa a criação de uma “imagem social” que é moldada segundo as expectativas da convivência entre os sujeitos na rede. Nesse contexto, o conceito de “identidade” (BAUMAN, 2001); (HALL, 2006); (SILVA, 2009) é essencial para refletirmos de que modo as relações são delineadas em relação aos grupos com os quais os indivíduos se identificam. Os sujeitos parecem delimitar a si mesmos negando o pertencimento a algum grupo e, assim, criam suas relações sociais na rede.

Outro aspecto presente nesse “novo momento social” é uma convivência cultural muito fluida que vem acontecendo de forma a acelerar a dinâmica da globalização e parece ressaltada com o grande acesso da população à internet e, conseqüentemente, às redes sociais. Assim, demonstra-se oportuno refletirmos também sobre o conceito de “cultura” (CUCHE, 1999) na modernidade e de que forma a linguagem está presente no modo com que os indivíduos expressam-se culturalmente nas redes sociais. Nesse sentido, consideramos haver relações de poder que envolvem a expressão pela linguagem na rede e cerceiam as interações entre as pessoas (BOURDIEU, 1974).

Através da análise de um evento político ocorrido no país, procuramos refletir de que forma os usuários do *facebook* expressam suas opiniões, demarcando sua identidade e seus posicionamentos culturais através da linguagem.

Desse modo, no tópico 1 discutiremos sobre as redes sociais e as relações no mundo moderno, no tópico 2, debateremos os conceitos de cultura e “identidade”, no tópico 3, refletiremos sobre a expressão do “eu” através da linguagem nas redes sociais, no tópico 4 analisaremos amostras de dados e, posteriormente, apresentaremos conclusões.

## 1. AS REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO MODERNO

Sabemos que os novos meios de comunicação, dentre eles principalmente a internet, mudaram muito o modo como se dão as relações sociais no mundo moderno. A velocidade e a quantidade de informações, a relação que as pessoas estabelecem com os objetos de conhecimento e entre elas mesmas sofreu grande mudança e provavelmente sem possibilidade de retorno. Assim, a forma pela qual as pessoas expressam-se pela língua foi modificada e atualizada, uma vez que tudo está público e as redes sociais influenciam inclusive a maneira como os sujeitos sentem-se cotidianamente.

A pergunta que podemos fazer nesses novos tempos talvez não seja “quem sou eu?”, mas sim “que tipo de pessoa quero parecer que sou publicamente nas redes?” Para isso, a linguagem é fator essencial para construção do “eu”. Nas redes sociais, as pessoas expressam-se, brigam, felicitam-se, demonstram gostos pessoais, *hobbies* e a maneira pela qual a linguagem é utilizada é importantíssima para a construção da “imagem social” pretendida. Contudo, percebermos que nem sempre os usuários das redes sociais estão preocupados em preservar sua face, ao contrário, as trocas linguísticas que acontecem são essencialmente disputas de poder nas quais geralmente não existe “ganhador”, mas nas quais os participantes parecem interessados em uma possível “disputa” de egos.

Bourdieu (1974) afirma que o universo social é um sistema de trocas simbólicas no qual se torna inseparável a posição do locutor com a estrutura social. Notamos que as conversações nas redes sociais ilustram bastante essa afirmação, uma vez que títulos, posições sociais e pessoas consideradas experts muitas vezes não são questionados em suas afirmações. Como afirma Bourdieu (1974), a estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os locutores, isto é, da importância do seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital propriamente linguístico). O autor considera a língua enquanto instrumento de poder e afirma que a verdade das relações de comunicação deve ser buscada dentro e fora do discurso, nas condições sociais de produção e recepção.

No que tange às redes sociais, como sabemos, um discurso pode alcançar inúmeras pessoas ao mesmo tempo e conforme é repetido pode ser dotado do poder que não detinha

anteriormente. Nas redes, a repetição da informação sem conhecimento da fonte faz com que muitos discursos sejam tomados como verdadeiros e, assim, sejam capazes de influenciar pensamento e atitudes. Dessa forma, os usuários agiram conforme a maioria e são levados muitas vezes a crer que o pensamento de uma maioria aparente é o correto e agem conforme o desenho social que parece dominar as relações nas quais está inserido. Desse modo, o discurso é um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o contexto em que ele está colocado.

Nas redes, o discurso toma formas segundo a imagem social que os usuários transmitem, porque as pessoas são vistas como deixam transparecer e são, portanto, julgadas conforme a autoridade que os outros usuários atribuem àquele discurso. Ou seja, “uma língua vale o que valem aqueles que a falam” (BOURDIEU, 1974, p.11). Logo, uma vez que o sujeito moderno está inserido em um contexto social no qual o conhecimento dos fatos que acontecem no mundo é essencial para manter-se conectado, a busca por informações se faz continuamente e de maneira descontrolada. O indivíduo parece querer estar presente em todas as manifestações sociais da rede, de forma a poder opinar sobre todos os assuntos e comportar-se de maneira a se fazer presente no mundo *on line*. O que parece ser inevitável e de difícil contestação no “mundo moderno” é a afirmação de que agora “todos têm voz” e, assim, todos querem ser “ouvidos”.

Para Bourdieu (1974), os indivíduos são formados pelo ambiente social e histórico em que se desenvolvem e, nesse sentido, o autor faz a seguinte pergunta: “a estrutura social em que os sujeitos estão inseridos associou-se de tal maneira a moldar seus corpos, atitudes, pensamentos e comportamento diário?”. Assim, podemos questionar: de que maneira as redes sociais modificaram o modo de agir e a maneira como as pessoas se sentem? A partir desse questionamento, podemos refletir de que maneira os indivíduos expressam-se pela linguagem nas redes sociais e, assim, delimitam seu “eu” social.

Nesse contexto, podemos perceber como as manifestações culturais são marcantes na linguagem e como o discurso nas redes sociais demonstra a relação cultural do indivíduo com os fatos e com os outros sujeitos sociais. Segundo Sapir (*apud* CUCHE,1999, p. 105), “o verdadeiro lugar da cultura são as interações individuais”. Nas interações entre os indivíduos

notamos o modo como certos conceitos estão arraigados culturalmente no discurso e são até despercebidos pelos usuários, que os reproduzem continuamente muitas vezes sem devida reflexão e argumentação sobre determinado assunto.

Assim, podemos considerar cada indivíduo como agente cultural e pensarmos em como sua identidade é construída e ressignificada através da rede. No tópico seguinte discorreremos sobre os conceitos de identidade e cultura.

## **2. REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE “CULTURA” E “IDENTIDADE” NO MUNDO MODERNO**

A partir da Revolução Francesa, surge uma sociedade em que as relações são efêmeras, na qual o sujeito problematiza seu lugar social no que diz respeito às suas relações identitárias. O indivíduo passa, então, a questionar o seu papel no mundo mediante os valores sociais.

Naquele momento, novos preceitos apontavam para a ascensão da sociedade burguesa de forma a influenciar as relações sociais e a cultura dos indivíduos, indicando, assim, o início de um processo que resultaria na Modernidade.

O momento social e temporal em que um indivíduo está inserido influencia drasticamente e continuamente em sua perspectiva sobre o mundo, em seus conceitos de certo e errado, em seus pensamentos sobre os papéis sociais e seus direitos e deveres enquanto cidadão.

Nesse contexto, pensarmos na diferença entre os povos é afirmarmos que distinções culturais existem e fazem com que o comportamento das pessoas seja mediado por questões morais e éticas que estão entrelaçadas aos costumes de uma população. O termo “cultura” é uma resposta para as diferenças entre os povos que estão além de questões biológicas (CUCHE, 1999). Para Tyler (1871, p. 1 *apud* CUCHE, 1999, p.35),

cultura, tomada em seu sentido etnológico mais vasto, é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.

Arelado ao conceito de cultura está o conceito de identidade, porém a cultura está ligada a um aspecto coletivo de comportamento social e a identidade trata-se da delimitação do “eu” na sociedade moderna.

A complexidade da Era Moderna estendeu-se a muitas esferas, fazendo com que diversos críticos se pronunciassem sobre o tema. Dessa forma, o sociólogo Zygmunt Bauman (2001, p.7-9), por exemplo, vale-se da metáfora “modernidade líquida” para definir as características da modernidade: a tendência a ser líquida, fluida, rápida e incerta. Por fluido, entende-se o comportamento dos líquidos, que apresentam a capacidade de locomover-se com certa rapidez, não se encaixando em nenhuma forma concreta – ao contrário dos sólidos. Assim, segundo o autor, entende-se que os fluidos não estão fixos no tempo e no espaço, não se atêm a nenhuma forma e, por isso, como a modernidade, estão propensos a constantes mudanças.

Segundo Bauman (2001, p.10-15), com o aparecimento de novos aspectos formais na cultura, a identidade cultural do sujeito moderno desloca-se todo o tempo, engendrando o surgimento de um novo tipo de vida social. Nesse sentido, há um desprendimento das relações sociais que gera um processo de individualização, de forma que o “eu” sobrepõe-se ao “nós”. O autor explica que, se antes o conceito de sociedade era tido como algo coletivo, agora, na modernidade, passou a ser individual. Bauman afirma ainda que

a modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca (2001, p.15).

Em conformidade com Bauman, Stuart Hall, teórico cultural, afirma, em sua obra, que “essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2006, p.68).

Percebemos, assim, como as novas concepções de tempo e espaço estão intimamente ligadas à vida moderna. A sociedade moderna está, portanto, em processo de permanente mudança, fazendo com que o sujeito questione seu “lugar” e necessite, assim, demarcar sua identidade de alguma forma. Se, por um lado, o tempo pré-moderno oferecia uma segurança existencial devido às suas fortes ideologias, por outro a modernidade trouxe a perda de valores que pudessem oferecer segurança para as pessoas. E, como consequência disso, há uma crise de identidade.

O conceito de identidade pode ser definido através de várias formas. Para Hall (2006, p.13), o sujeito moderno sofre com as mudanças das características do seu tempo - sua identidade não é estável, mas, fragmentada, composta de várias outras. Assim, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Já de acordo com Silva (2009, p.74-76), a identidade se dá em meio à diferença, ou seja, quando o sujeito diz que é brasileiro, só é necessário que ele faça essa afirmação porque existem outros seres humanos que não o são ou que, por alguma atitude, esse sujeito não os considera enquanto tal.

A globalização, por sua vez, está, intrinsecamente, ligada à fragmentação identitária, uma vez que a possibilidade de acesso a diferentes culturas, através do encurtamento das distâncias, torna-as híbridas. Desse modo, o sujeito pode “estar” em vários lugares, simultaneamente. Nesse contexto, a concepção de identidade é bastante complexa, pois, definir-se como representante de determinada sociedade significa não se sentir sozinho no que diz respeito a valores, crenças e atitudes. Mesmo em um contexto multicultural e multiétnico, como o Brasil, as pessoas reconhecem-se como representantes de uma identidade unificada, porém não única, mas composta por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Logo, a identidade não é algo acabado, mas, está em constante construção e surge, não da plenitude que já está imersa em nós como indivíduos, mas de uma falta de completude que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Hall (2006, p. 47) explica que “essas identidades não estão literalmente

impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial”.

No contexto das redes sociais, as identidades aparecem bastante fragmentadas e fluidas, porém os “grupos” ideológicos dos quais os sujeitos fazem parte na rede são delimitados de maneira que os “embates linguísticos” tornam-se bastante comuns. Assim, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 41 *apud* FERREIRA, 2009, p. 67). Sobre língua e identidade afirma Guisan (2009, p.18),

(...) é preciso aqui observar que, ao se vincular língua com identidade, fala-se também e, sobretudo, muito mais de alteridade; ou seja, em outras palavras o discurso identitário expressa muito mais o que pensa do outro, como este outro está sendo representado, para que o sujeito da enunciação possa definir o que ele próprio não é. Mesmo assim, evidentemente, o discurso da alteridade – explicitamente sobre o outro – revela antes de tudo o próprio sujeito enunciator.

No tópico seguinte, refletiremos de que modo as redes sociais têm causado mudanças na expressão do “eu” através da linguagem.

### **3. A EXPRESSÃO DO “EU” ATRAVÉS DA LINGUAGEM NAS REDES SOCIAIS**

Sabemos que a linguagem constitui o ser humano e o ser humano se constitui através da linguagem. Assim, toda forma de pensamento, sentimento e expressão é perpassado pela linguagem e formam, dessa maneira, um arcabouço de conceitos, ideologias, identidade e cultura, conceitos significados e influenciados pelo tempo e o espaço nos quais estão o sujeito enquanto ser social no mundo. A linguagem, desse modo, não é apenas um meio neutro de comunicação, mas um conjunto de práticas socialmente incorporadas nas quais certos tipos de discurso podem refletir e formar identidades sociais (AHEARN, 2011).

Conforme comentamos anteriormente, o mundo moderno trouxe novas formas de comportamento e a internet é um dos fatores preponderantes dessa mudança. Desse modo, a sensação de necessidade de pertencimento a um grupo é maior, embora desde o início da globalização, muito antes do surgimento das redes sociais, com o encurtamento das distâncias, as identidades dos sujeitos estão fluidas e confusas. Assim, atualmente, o indivíduo precisa

fazer-se presente nas manifestações das redes para, assim, ocupar seu “lugar” perante a sociedade. Mediante esses aspectos, podemos questionar: De que modo o sujeito posiciona-se linguisticamente nas redes de forma a “moldar” o seu “eu-social”?

Percebemos continuamente nas redes que, conforme a imagem social que um indivíduo pretende criar de si, a mesma situação é referida pelo sujeito através de escolhas linguísticas diferentes. Essas escolhas envolvem vocabulário distinto, linguagem formal ou informal, piadas, quadrinhos, intertextualidade, figuras de linguagem, entre outros recursos linguísticos. As pessoas gostam, assim, de ser reconhecidas por seus gostos e opiniões pessoais e isso é delimitado pelas publicações que realizam nas redes. Ou seja, os usuários só mostram aquilo que querem que se torne público. Nesse sentido, bens culturais como livros, filmes e outros só serão demonstrados fazer parte do gosto individual do indivíduo se o círculo social no qual o sujeito convive “aprova” essa “cultura”. Podemos inclusive refletir se as “tribos” as quais nos referíamos no passado estão agora nas redes, delimitando os “nichos” em que os usuários fazem parte ou não.

O mesmo acontece com relação a assuntos políticos. Neles, o sujeito identifica-se enquanto parte de uma corrente política, no caso do Brasil, enquanto direita ou esquerda, e todas as atitudes linguísticas são mediadas pelo “pertencimento” a esse grupo. Assim, não importa se a opinião do outro viés político em algum quesito é válida, pois de qualquer modo ela será ignorada.

De tempos em tempos, acontecem fenômenos que possibilitam uma análise do posicionamento linguístico-social que parece ser geral nas redes, seja envolvendo alguma celebridade, um evento mundial ou fenômeno político. No tópico seguinte, refletiremos sobre as repercussões linguísticas de um evento político no *facebook*.

#### **4. ANÁLISE DE UM FENÔMENO: AS MANIFESTAÇÕES DO DIA 16/08/2015**

No dia 16/08/2015, muitas pessoas foram às ruas do Brasil com a finalidade de manifestarem-se contra o atual governo. A insatisfação com a atual política nacional parece estar no pensamento da maioria, porém os movimentos aparecem noticiados nas redes sociais, em especial no *facebook*, de maneira confusa e tendenciosa. Os usuários da rede dividem-se

neste momento em aqueles que são adeptos aos movimentos e àqueles que são radicalmente contra.

No geral, os indivíduos expressam suas opiniões postando imagens, vídeos, textos e frases sobre esses acontecimentos. No que tange à linguagem, a ironia é bastante utilizada e não parece haver argumentação coerente no sentido de entender os pontos de vista divergentes, mas sim uma ridicularização de um pensamento que parece absurdo à maioria da qual o sujeito faz parte. Portanto, podemos refletir e analisar de que modo os indivíduos demonstram através de atitudes linguísticas que pertencem a determinado grupo, ou seja, de que modo posicionam-se linguisticamente no “mundo social” *on line*.

Especificamente sobre as manifestações do dia 16/08/2015, percebemos muitas pessoas realizando postagens emitindo opiniões que parecem, como dito anteriormente, dividir os sujeitos em dois grupos: aqueles que são contra e aqueles que são a favor do atual governo. Seguem alguns trechos abaixo:

- (1) *“Um exercício bem rápido de interpretação de texto (propaganda). Para e pense quantos milhões o PSDB e o DEM estão gastando em propagandas para falar mal dos gastos do PT que são direcionados para propaganda. Ao invés de ser uma oposição sadia para o país, o que temos é uma direita popularmente conhecida como **direita hiena** que fica **toda arisca** com qualquer possibilidade de voltar ao governo, mesmo que para isso seja necessário efetuar um golpe na democracia brasileira. É Brasil, tá complicado” (sujeito A).*

No trecho (1), o usuário refere-se ao lado político do qual não faz parte como “direita hiena que fica toda arisca com qualquer possibilidade de voltar ao governo”. O usuário faz comparação entre políticos e animais, possivelmente com a intenção de considerar tais políticos como seres irracionais que, conforme afirmou, são capazes de qualquer atitude para voltar ao governo. Isso demonstra uma opinião generalizadora, sem focalizar em um fato específico, no qual o sujeito A se demonstra radicalmente contra o que acredita ser “direita” e posiciona-se de forma a marcar sua identidade que, segundo ele, é contrária a esse grupo.

Já no trecho (2), o sujeito B:

- (2) *“Quem tem livro de história aí? Que tal se fizermos uma doação na próxima manifestação? As migs estão precisando (sujeito B).*

Percebemos, no trecho (2), que os manifestantes são considerados desinformados sobre fatos históricos pelo sujeito e, além disso, ele utiliza de ironia para demarcar seu posicionamento contra o movimento.

O sujeito C, por sua vez, faz o seguinte comentário no trecho (3) abaixo:

- (3) *“Cara este movimento tem que continuar por que os programas de humor nas TVs estão muito ruins, ninguém bate esta turma” (sujeito C).*

Notamos, no trecho (3), uma comparação entre os manifestantes com programas humorísticos, desqualificando, assim, o modo como as pessoas estão indo às ruas manifestarem-se.

No trecho (4) a seguir, o sujeito D parabeniza o movimento:

- (4) *“Lindo! Assim é o **povo brasileiro**, até nos momentos de seriedade estão agindo com alegria e bom humor! Quem tem que ficar tristes e preocupados são esses corruptos de querer continuar governando, sem a aprovação da população! Somos um povo admirável e merecemos ter um governo digno! Parabéns povo brasileiro! Estamos escrevendo uma linda história de luta pacífica e ordeira! Quanto a esse governo corrupto do PT, está deixando a mais triste história que a nossa nação já viveu” (sujeito D).*

O sujeito D, como notamos no trecho (4), utiliza um vocabulário no qual objetiva demonstrar-se alinhado ao grupo de pessoas que esteve presente nas manifestações. Para isso, utiliza verbos como “somos”, “merecemos”, “estamos” na primeira pessoa do plural. O sujeito utiliza, ainda, adjetivos como “lindo” e palavras como “alegria” e “bom humor” para referir-se à situação.

Neste outro trecho, o sujeito E desqualifica o lado político do qual não faz parte ao afirmar que aquelas pessoas são indivíduos “sem cérebro”:

- (5) *Vamos juntos nós que temos cérebro e conhecemos a história desse país é preciso todos nós que pensamos no todo deste país manter as esquerdas unidas para não dar chance ao retrocesso de Aécio, Malafaia, Cunha, Bolsonaro, Renan e outros ratos (sujeito E)."*

Nesse trecho (5), percebemos também novamente uma comparação dos políticos a animais, nesse caso, aos ratos. Na linguagem coloquial, a palavra "ratos" parece ter uma carga bastante negativa por relacionar-se a animais traiçoeiros e que causam repulsa à maioria da população. O sujeito E considera-se parte do grupo que pensa no conjunto do país, como fica notável na frase "nós que pensamos no todo desse país". Assim, novamente transparece no discurso a noção de identidade atrelada à noção de nação.

Por fim, no trecho (6) do sujeito F, deparamo-nos com uma narrativa que explica o posicionamento do indivíduo:

- (6) *É claro que Dilma será substituída por outro político medíocre, salvo raríssimas e honrosas exceções, político medíocre aqui e em outros países é quase um pleonismo. Tem uma história que gosto muito e explica as origens dos políticos, segundo se fala o coronel manda o filho inteligente estudar medicina, o filho corajoso para servir exército, o filho bom caráter para ser padre e o que não serve para nada útil vai ser vereador. É exatamente pela mediocridade dos políticos que devemos infernizá-los o máximo que pudermos, nada mais perigoso que pessoas medíocres tomando conta de nosso dinheiro e fazendo leis que vamos ser obrigados a cumprir. Como alguém já disse "os políticos e as fraldas dever ser trocados frequentemente e pela mesma razão". Em tempo, não é que não precisemos de políticos, é que não podemos deixá-los em paz, é diferente (sujeito F).*

Notamos que, segundo F no trecho (6), não importa quem esteja no poder, o governo será sempre ruim e deve-se sempre existir crítica aos políticos. O sujeito F utiliza verbos na primeira pessoa do plural "tomando conta do nosso dinheiro" mostrando, mais uma vez, que se considera pertencente a um grupo de pessoas que devem estar unidas em torno de uma causa.

Percebemos, então, nos trechos citados que os usuários da rede estão frequentemente demonstrando-se como pertencentes ou não a determinados grupos. A mesma situação é qualificada de formas diferentes pelos indivíduos dependendo de qual “grupo” fazem parte. Os apoiadores das manifestações referem-se à cena como um importante movimento para os brasileiros, utilizam a palavra “brasileiro” para dar um sentido de nação e conjunto para o que afirmam e, assim, demarcam-se como sujeito que possuem orgulho de sua nacionalidade. Consequentemente, para esse grupo, aqueles que não são favoráveis aos movimentos demonstram-se contra este sentimento de “união”, ou seja, contra o futuro do país.

Por outro lado, aqueles que são contrários às manifestações desqualificam o movimento utilizando comparações com programas de humor, ironias, além de afirmarem que aquelas pessoas não conhecem a história do Brasil.

Contudo, ambos os grupos demonstram um sentimento de identidade no qual querem delimitar com bastante ênfase o pertencimento ou o não pertencimento à determinada corrente do cenário político atual. Percebemos assim, que para além de demarcarem linguisticamente uma identidade política, os usuários da rede demonstram o desejo de estarem sempre conectados aos acontecimentos atuais de forma a fazerem-se presentes no mundo virtual.

### **Conclusão**

Viver em sociedade, no mundo moderno dominado pela internet, parece ser um aspecto intrinsecamente atrelado com a noção de “ser notado”. Para isso, o sujeito deve “conviver” na rede, “curtir” publicações, escrever textos que demonstrem opiniões e agir de forma a deixar explícito seus gostos pessoais que envolvem bens culturais, como músicas, livros e filmes, por exemplo. Assim, os indivíduos demarcam, através da percepção de aspectos comuns, o pertencimento a grupos sociais. Esses grupos parecem ser as “tribos” dessa nova realidade social. E, nesse sentido, a linguagem é fundamental para a construção e a representação do “eu” nas redes sociais.

### **REFERÊNCIAS**

AHEARN, Laura. **Living Language**. Wiley-Blackwell, 2011

13

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 1974.

CUCHE, Denys. **A Noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC. 1999.

FERREIRA, Maria Martins. Identidade do feminino: feminilidade e “feminilidade”. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra Barreto; SALGADO, Ana Cláudia Peters (Org.) **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 65-73.

GUISAN, Pierre. Língua: A ambiguidade do conceito. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra Barreto; SALGADO, Ana Cláudia Peters (Org.) **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 17-27.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós – Modernidade/** Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos estudos culturais/** Tomas Tadeu da Silva (org.): Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

***Michele Cristina Ramos GOMES***

Mestranda em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora

***Ana Claudia Peters SALGADO***

Possui licenciatura em Letras/Inglês pela Universidade de São Paulo (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2008). Atualmente é professora adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora.

*Recebido em novembro/2015 Aceito em janeiro/2017*